

Ailene Frances



VIÚVA DE PAPEL



Exemplo de leitura

Viúva de Papel

Por

Ailene Frances

©Direitos autorais 2016 Ailene Frances/ Eileen Sheehan
Impresso nos Estados Unidos da América
Direitos Eletrônicos e Digitais em Todo o Mundo
Direitos de impressão em todo o mundo
EARTH WISE BOOKS
Edição Eletrônica

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, digitalizada ou distribuída de qualquer forma, incluindo digital e eletrônica ou mecânica, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem o consentimento prévio por escrito da editora, exceto por breves trechos para uso em resenhas.

Este livro é uma obra de ficção. Personagens, nomes, lugares e incidentes ou são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia, e qualquer semelhança com quaisquer pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é inteiramente coincidência.

Atenção** Partes desta história podem ser muito gráficas, sexualmente explícitas, verbalmente vulgares ou violentas para leitores sensíveis ou traumatizados. Aconselha-se a discrição do leitor.

Conteúdo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[Sobre a autora](#)

[Amostra de descontros de amor](#)

1

O sol havia nascido apenas uma hora antes, mas já brilhava sobre os pinheiros com uma intensidade que indicava a promessa de mais um dia de sol abrasador. Os esquilos se apressavam para completar suas tarefas antes de serem forçados a procurar abrigo do cruel sol do verão.

Elise inclinou-se para baixo e aliviou cuidadosamente os ombros do pesado jugo, equilibrando os baldes de água que ela transportava do riacho nas proximidades, fielmente, duas vezes por dia. Suas mãos desgastadas pelo trabalho descansavam em seus quadris delgados enquanto ela se contorcia, inclinando-se em diferentes direções, para ajudar a diminuir a tensão em seu corpo causada por mais uma noite de sono intermitente.

Pelo que parecia ser a milionésima vez, ela lamentou ter respondido cegamente ao anúncio do “Notícias Matrimoniais” que buscava noivas por correspondência no oeste. Ela estava tão ansiosa para escapar da existência rotineira da sociedade Brahmin de Boston que, quando a propaganda cruzou seu caminho, ela se apressou em responder sem pensar muito ou investigar sobre quem estaria esperando por ela no lado oposto da correspondência, no que estaria entrando, ou o que ela estava deixando para trás. Ela também nunca questionou exatamente como uma cópia do “Notícias Matrimoniais” foi parar na sala de estar da residência dos Joselyns.

Agora, encontrando-se sozinha, sem dinheiro, morando em uma cabana que nem sequer se qualificaria como anexo de uma casa e mal equipada para o inverno que estava por vir, ela teve muito tempo para refletir sobre esse fato; bem como sobre sua tolice.

Ela compreendia sua tolice até certo ponto. Ela era jovem; apenas dezessete anos. Mulheres de privilégio de dezessete anos não eram experientes o suficiente para compreender verdadeiramente o que acontecia além do casulo social no qual eram mantidas por seus pais.

Ela desfrutou de um ano de flertes após seu baile de debutante antes que seu pai anunciasse que ela tinha recebido uma excelente oferta de casamento de Judd Turnham. Judd era quinze anos mais velho que ela, mal atingia a altura dela quando ela usava sapato de salto baixo, e tinha uma barriga que deixava ver que levava uma vida de privilégio. Claro, ele era parte da família mais rica da elite Brahmin e deveria herdar tudo quando o pai, que estava doente, morresse, mas a ideia de seus dedos excessivamente suaves e rechonchudos tocarem-na da maneira como um homem podia tocar a esposa era mais do que ela poderia tolerar. Havia sido ruim o suficiente quando ele roubara um beijo ao acompanhá-la pelos jardins. Ela teve que forçar de volta a bile que ameaçava sair por seu esôfago. A memória de sua halitose aguda e abundante cabelo no nariz provavelmente a perseguiria para sempre. E daí se os vaqueiros do oeste eram notórios por sua falta de etiqueta social, ela preferiria muito mais ter um cowboy durão, viril e socialmente inadequado do que Judd fedorento e pançudo.

A fotografia e a descrição que a casamenteira, Eliza Farnham, mostrara de Douglas Meacham e da vida que a aguardava eram tão atraentes que ela tomou a decisão de se casar com ele por procuração naquela mesma tarde. Tudo foi feito em segredo, com apenas as testemunhas fornecidas por Eliza para validar sua autenticidade.

Douglas era um veterano da guerra civil de vinte e sete anos de idade nascido na Pensilvânia que havia ido para o oeste para explorar ouro. Ele minerou tempo suficiente para acumular uma pequena reserva financeira e adquirir um pedaço de terra respeitável para um rancho no norte do Texas. Ele ostentava um pequeno rebanho de gado, um celeiro sólido que abrigava um porco saudável, uma vaca leiteira e algumas galinhas, uma horta robusta e o início de uma casa estrategicamente posicionada no terreno para permitir

bastante espaço para acréscimos quando os filhos chegassem. Faltava apenas uma esposa para completar.

O que começou como uma aventura de sonhos, rapidamente se transformou em um pesadelo. Como ela nunca tivera motivos para viajar no vagão público de um trem antes, Elise não estava preparada para as acomodações extenuantes e sujas que ficavam escondidas daqueles afortunados o suficiente para garantir um vagão particular. O pouco dinheiro que ela conseguira recolher durante sua partida rápida havia sido roubado de sua bolsa enquanto ela dormia. Ela colocara algumas de suas joias valiosas em sua bolsa de viagem, que desapareceu em algum lugar de Oklahoma. Quando ela estava pronta para desembarcar, tinha apenas as roupas do corpo e as joias que usava. Ela rapidamente vendeu as joias para pagar a passagem na diligência que a levaria ao território do Texas de Wichita Falls, onde Douglas deveria encontrá-la.

Ela passou todo o tempo da jornada empoeirada para Wichita Falls preocupada com a má impressão que causaria em seu novo marido por causa das circunstâncias infelizes. Ela havia lido sobre os maridos que anulavam seus casamentos devido à falsa apresentação e se perguntou se o mesmo aconteceria com ela quando Douglas olhasse para a sua figura desgrenhada. Não havia nada que ela pudesse fazer sobre isso. Seu futuro estava nas mãos do destino. Ela só esperava que o destino fosse um pouco mais amável do que havia sido até o momento.

Não seria.

Ela se agachou para reposicionar o jugo em seus ombros e se levantou lentamente, tomando cuidado para não derramar o líquido que dá sustento à vida no processo. Suas coxas ficaram muito mais fortes desde que ela chegara três meses antes, fazendo com que seus movimentos parecessem suaves e fáceis.

Ao atravessar o que constituía um pequeno quintal para o rancho humilde, ela viu um cavalo e um cavaleiro à distância. Ela não precisou se esforçar para ver quem era. Ela sabia que era Nellie Wilson fazendo sua verificação semanal.

Elise não sabia onde estaria se não fosse pela bondade de Nellie. Elas tropeçaram uma na outra por acaso na estação. Elise estava procurando pelas ruas por seu marido, Douglas, e Nellie estava vasculhando os viajantes por sua sobrinha, Anna.

Elise conhecera Anna no trem durante sua viagem para o oeste. Elas eram de idade e origens familiares semelhantes, mas as semelhanças acabavam aí. O pai de Anna havia morrido no ano anterior. Sua mãe a estava enviando para viver com a irmã, Nellie, enquanto buscava um substituto para seu último marido. Anna não só achava que encontrar um marido seria uma tarefa difícil entre os poucos que sobreviveram à guerra entre os estados, mas a ideia de ser excluída para que sua mãe tivesse uma melhor chance de capturar um homem era revoltante. Ela considerava a mãe muito velha para tais manobras. Como elas eram financeiramente bem-sucedidas, Anna não conseguia entender a carência da mãe.

Relutante em deixar os luxos e a sociedade avançada do leste, Anna avaliou seus arredores cuidadosamente enquanto o trem continuava para o oeste. Quando chegaram ao Kansas, ela havia visto o suficiente para fazê-la decidir tomar a situação em suas próprias mãos. Ela deu adeus a Elise, desejou-lhe sorte e pediu-lhe para dizer a tia Nellie que sentia muito, mas não iria se juntar a ela, então comprou um bilhete para retornar ao leste.

Nellie retribuiu a notícia decepcionante de Elise com algumas notícias devastadoras de sua parte. Douglas havia sido encontrado morto na estrada da cidade naquela manhã. Alguns diziam que ele caíra de seu cavalo e batera a

cabeça em uma pedra, outros que ele fora vítima de um ladrão. Nellie achava que poderia ser ambos.

Até o momento, Elise estava casada apenas por procuração. Agora, a noiva por correspondência era uma viúva por correspondência.

"Olá!" Gritou Nellie parando sua égua ao lado do poste de engate perto da varanda da frente.

"Eu fiz torta de maçã", disse Elise despejando o conteúdo de seus baldes em um grande barril. "Ainda está quente".

"A que horas você acordou para estar tão agitada?", perguntou Nellie balançando a cabeça.

"Eu preciso de um colchão melhor", Elise reclamou com uma das mãos na parte inferior das costas enquanto acenava para que Nellie a seguisse.

"Aquela Eliza Farnham deveria levar um tiro por enganar você", Nellie resmungou esfregando a sujeira das solas de suas botas na beira áspera da varanda antes de seguir Elise para dentro da minúscula cabana.

"Eu me contentaria com o reembolso do meu dinheiro para que eu pudesse comprar uma passagem para casa", Elise suspirou. "Eu estive procurando por qualquer dinheiro ou ouro que Douglas pudesse ter escondido, mas, até agora, não tive sorte".

"Você tem certeza de que ele tinha algum?", perguntou Nellie se servindo de uma fatia de torta. "Você foi enganada sobre o estado deste lugar. Ele poderia ter mentido sobre ser um mineiro também."

"Há água na bacia para lavar as mãos", disse Elise em um tom monótono.

"Você é uma garota pomposa, não é?" Nellie riu caminhando até a bacia e mergulhando ambas as mãos na tigela rasa. Ela virou a cabeça de um lado para o outro como se estivesse procurando algo. "Eu pensei que houvesse uma nascente atrás da casa".

"Ele nunca chegou a enaná-la para dentro da casa", disse Elise melancólica.

As sobrancelhas de Nellie se juntaram quando ela disse "Certamente tornaria a vida mais fácil".

"Eu faço duas viagens por dia ao riacho", Elise disse. "Às vezes, três".

"Meu Deus, garota", Nellie arfou. "O que você faz com toda essa água?"

"Faço chá, em primeiro lugar", disse Elise enquanto buscava a lata na qual ela mantinha as folhas de chá e abriu a tampa. "Eu encontrei isso na parte de trás da prateleira superior", ela disse ao apontar para uma prateleira de madeira no alto da parede sobre o fogão que exigia um banquinho para alcançar as coisas colocadas sobre ela. "Douglas tinha um suprimento decente de chá e café. Isso cheira a lar".

"Chá nunca foi do meu gosto", disse Nellie franzindo o nariz e depois colocou um dedo lambuzado de torta na boca. "Isso não vai manter sua barriga cheia nos meses de inverno", ralhou Nellie. "O que você planeja fazer quando a neve cair?"

"A horta está produzindo uma boa safra", disse Elise continuando a preparar o chá. "Eu também coletei uma quantidade razoável de maçãs e nozes. Você quer que eu faça café?"

"Você já tem um celeiro?" perguntou Nellie ao levantar a mão e balançar a cabeça para indicar "não" à oferta de Elise para fazer café para ela.

"Há um grande buraco cavado no chão coberto com pranchas de madeira", disse Elise. "Eu acho que era isso que Douglas usava como celeiro porque encontrei batatas, cebolas e abóbora velhas lá dentro".

"Qualquer nevezinha que cair naquelas tábuas e esses seus braços magros não vão ser capazes de levantá-las para alcançar a sua comida", refletiu Nellie. "E quanto ao aquecimento? Você conseguiu lidar com o machado e cortar um pouco de madeira para o inverno?"

"O estoque de madeira que Douglas cortou está acabando. Eu preciso encontrar meios para sair daqui antes que eu morra", disse Elise, despejando água quente da chaleira, que ela mantinha quente no fogão, no bule de lata que ela usava para preparar chá.

"Talvez você devesse passar o inverno comigo e Jake", ofereceu Nellie.

"Mas e o cuidado diário com os animais?" Elise perguntou.

"Eu pensei que você iria vendê-los e usar o dinheiro como parte de sua passagem para casa", disse Nellie.

"Há apenas um porco, uma vaca leiteira e algumas galinhas. Eu saí para ver o rebanho ontem", disse Elise. "Parece que está diminuindo".

"Provavelmente ladrões", ofereceu Nellie. "Já estão sabendo que você está sozinha. Se você não vender esses animais logo, não haverá nada para recolher quando chegar a hora."

Elise empurrou uma mecha solta de seus cabelos castanhos avermelhados para trás da orelha e disse: "Se algum dia eu voltar para casa, nunca mais me queixarei de ficar entediada".

2

Nate ajustou a gola do longo casaco de lã ao sair do edifício de três andares de tijolos vermelhos desbotados na Filadélfia para o ar fresco da tarde de outono. Havia uma alegria especial em seu passo. Ele havia acabado de receber sua primeira grande missão como funcionário da Agência Nacional de Detetives Pinkerton. Até o momento suas missões haviam sido pequenas e aparentemente insignificantes. Ele queria ter uma oportunidade de provar seu valor para a agência. Esta nova missão era a oportunidade. Ele faria parceria com Joseph Kennedy e Oliver Sullivan, o que seria perfeito.

Joseph e Oliver serviram com ele sob o comando do tenente-coronel Alexander Biddle na batalha de Gettysburg. Experiências como essas unem as pessoas. Isso praticamente garantia que eles fossem uma equipe de trabalho eficiente. Pelo menos, era o que Alan Pinkerton achava.

"Kimble, espere!" Chamou Joseph seguindo Nate pelos degraus de pedra.

"Você pode acreditar na sorte? Mal posso esperar para começar," Nate riu.

"Nós fazemos o pacote completo, meu bom homem", disse Joseph com um sorriso.

"Onde está Sullivan?" perguntou Nate olhando na direção de onde vieram.

"Ele tem uma mulher para agradar", disse Joseph. "Maldita chateação, se quer saber. Não dá para fazer esse trabalho com uma mulher pendurada em seu braço."

"Não um bom trabalho, eu acho", disse Nate pensativo.

"Você não vai se enroscar com uma, vai?" Joseph perguntou com seriedade.

Nate franziu o cenho ao resmungar "Lilith praticamente me curou disso."

"Ela com certeza era uma trapaceira", concordou Joseph.

"Ah! Se era." Nate assentiu.

"Ouvi dizer que ele bebe muito", disse Joseph em um tom abafado.

"Ela queria a fortuna e o nome o da família dele", Nate encolheu os ombros.

"Sim, o nome", concordou Joseph.

"Ela merece o que recebeu", disse Nate amargamente.

"Eu ainda não posso acreditar que ela escreveu para você por tanto tempo depois que se casou com aquele idiota", disse Joseph.

"Ele me salvou", Nate ponderou em voz alta. "Eu deveria agradecê-lo."

"Sim", concordou Joseph. "Eu tenho um pouco de pena dele. Tudo o que fiz foi testemunha a traição e não quero nem pensar em ter uma mulher."

"Pelo menos não por um longo tempo", disse Nate.

"Nunca", reiterou Joseph.

Eles voltaram para o hotel em silêncio enquanto suas mentes trabalhavam fazendo listas do que precisava ser feito antes de embarcarem no trem para Oklahoma na tarde seguinte.

Como o curto prazo foi um inconveniente para Nate e Joseph, eles só podiam imaginar o impacto que teve em Sullivan. Nate estremeceu ao pensar como a namorada de longa data e pretendente a noiva de Oliver, Alice Smyth, reagiria à notícia. Ela deixou claro que esperava o pedido e o casamento antes do Ano Novo. Esta missão certamente iria deixá-la furiosa. Ele não ficaria surpreso se a riquinha mimada confrontasse o próprio velho Pinkerton sobre o assunto.

Nate achava a situação de Oliver um bom exemplo de mais um motivo para agradecer estar solteiro e livre.

"Esta missão mudará nossas carreiras. Vamos tomar uma bebida para celebrar", sugeriu Joseph.

"Eu tenho algumas coisas para organizar antes de partir. Um ano é muito tempo", disse Nate. "Que tal nos encontrarmos para jantar e então poderemos comemorar?"

"Talvez seja uma boa ideia", disse Joseph claramente decepcionado. "Eu também tenho algumas coisas para organizar".

Nate estudou o amigo antes de perguntar "Você tirou medidas para o seu traje?"

"Quando você fez isso?" Joseph perguntou com o cenho levantado.

"Ontem", respondeu Nate.

"Diacho, você não havia sido designado até hoje", reclamou Joseph.

"Eu me mantenho informado", disse Nate com um sorriso. "Diga ao Sr. Simon para colocar o traje na minha conta".

"Eu mesmo posso pagar", disse Joseph endireitando os ombros.

"Eu espero ser reembolsado em seu primeiro salário", disse Nate com uma firmeza que ele não intencionava.

Ele realmente não esperava ver nenhum dinheiro de Joseph, mas não se importava. Apenas alguns meses antes, Nate tornara-se o mais bem sucedido financeiramente dos três amigos, com Oliver em segundo lugar.

Nate fora criado no que seria considerado um ambiente de qualidade aos olhos da sociedade da Filadélfia. Embora frequentasse o círculo da alta sociedade, ele não era considerado parte do centro desse círculo; o que foi uma das coisas que instigou Lilith. Quando recebeu uma visita do escritório jurídico Miller informando-o de uma herança proveniente de um tio do lado de sua mãe, tudo mudou; ou teria mudado, se Nate quisesse tornar pública a verdade de sua herança.

O irmão de Margeret Kimble, Richard Kincaid, era um fazendeiro rico e viúvo que não teve filhos. Como Nate era o parente mais próximo, a fortuna que ele acumulou - que incluía uma impressionante soma em dinheiro, junto com uma fazenda de gado igualmente impressionante na fronteira Oklahoma / Texas – foi deixada para ele.

Oliver – cuja família, de antecedentes igualmente privilegiados, gerenciava um boticário porque desejava; não porque precisava – frequentava o mesmo círculo da alta sociedade da Filadélfia com Nate. Sua fortuna seria comparável com o saldo deixado a Nate pelo pai antes dele receber a herança do tio.

Depois de tomar conhecimento da boa sorte do amigo, Oliver rapidamente resaltou que, se Lilith tivesse cumprido sua promessa de esperar que ele voltasse da guerra, ela poderia ter vivido onde e como desejasse. Esta observação causou pânico em Nate sobre a possibilidade de ser enganado por outra mulher desonesta almejando sua fortuna sob o pretexto de amá-lo. Naquele momento, ele fez seus amigos jurarem segredo. Como ele tinha pouca confiança na habilidade de sua irmã e de sua mãe de absterem-se de fazer fofocas por orgulho e desejo de elevar seu status entre a elite social, ele omitiu o verdadeiro valor de sua herança delas também. Com exceção do Sr. Miller do escritório jurídico Miller, Joseph e Oliver eram os únicos que conheciam o verdadeiro valor de sua herança. Ele pretendia manter assim até quando se sentisse confiante para divulgar a informação. As mentiras e a traição de Lilith realmente deixaram suas cicatrizes.

Os relatórios fornecidos a Nate sobre a fazenda do tio o levaram a acreditar que estava em boas mãos com o administrador atual. Isso era tranquilizador já que, do modo como as coisas iam, levaria algum tempo até que ele fosse capaz de inspecionar o local. Ainda assim, acreditando no velho ditado "Quando o gato sai, os ratos fazem a festa", Nate decidiu que seu advogado

colocasse um peão na combinação para fornecer relatórios regulares sobre os acontecimentos da fazenda.

Ele e Joseph se separaram do lado de fora da loja do alfaiate. Nate reiterou o fato de que esperava ser cobrado pelo traje de Joseph. Depois de resmungar um pouco mais, Joseph concordou e entrou.

Nate sorriu satisfeito com a ideia de ser capaz de ajudar seu amigo de guerra. Eles se conheceram enquanto cresciam e tinham relações amigáveis sempre que seus caminhos se cruzavam, mas faziam parte de classes sociais que os separavam na maior parte do tempo. Foi somente quando eles lutaram lado a lado que um verdadeiro vínculo se formou.

A guerra teve seu impacto em todos, mas ainda mais sobre os desfavorecidos. O pai de Joseph foi morto durante o segundo ano de batalha. Menos de um ano depois, a mãe morreu de tuberculose; deixando a irmã de catorze anos e o irmão de dez anos de Joseph sozinhos para fazer o melhor que pudessem para manter sua pequena fazenda operando o suficiente para sustentá-los até que Joseph voltasse da batalha e trouxesse uma aparência de normalidade de volta às suas vidas. Cuidar dos irmãos quando ele mal conseguia cuidar de si mesmo era um fardo que o amigo de vinte e dois anos de idade de Nate comentava pouco. Ele não precisava. Nate tinha olhos para ver e ouvidos para ouvir. Ele conhecia plenamente as dificuldades que Joseph enfrentava sem se queixar.

Nate chegou ao escritório jurídico Miller e parou do lado de fora tempo suficiente para se concentrar no assunto em questão. Ele queria ter seus assuntos em ordem da melhor forma possível antes de embarcar em uma missão que exigiria toda a sua atenção. Ele também tinha uma família dependendo dele. Embora sua mãe ainda estivesse viva e bem, ela também se tornara uma viúva durante a guerra e sua irmã perdera o noivo. Isso deixou duas mulheres carentes que o procuravam por apoio; tanto emocional como

financeiro. Ele queria providenciar a criação de um fundo fiduciário para a assistência delas, bem como redigir um Testamento no caso de ele não conseguir sair vivo desta missão.

3

Elise aceitou o dinheiro que Jake recebera pela venda do gado dela a um fazendeiro vizinho com genuína gratidão. Ele conseguira reunir animais suficientes para vender e obter os recursos necessários para ela retornar para o leste. Agora, ela precisava apenas fazer os arranjos. O porquê dela não ter pedido ajuda a ele quando ela chegou, era um mistério.

"Então, Sra. Meacham, nós vamos perder você logo", disse Jake montando em seu cavalo. "É uma pena. Eu me acostumei a ver esse seu lindo rosto no café da manhã."

"Que galanteador", Elise riu. "Eu quero ir à cidade e telegrafar para meu pai antes de fazer qualquer outra coisa".

"Você quer avisar que está voltando?", perguntou Jake.

"Eu quero saber se sou bem-vinda de volta", confessou Elise.

"Não consigo imaginar nenhum pai não deixando sua menininha voltar para casa", opinou Jake.

"Meu pai tem opiniões fortes sobre as coisas", explicou. "Não só fui contra a vontade dele quando me casei secretamente com Douglas por procuração, mas o envergonhei em nosso círculo social. Judd Turnham vem da família mais importante de Boston. Era com ele que meu pai queria que me casasse, não com Douglas".

"Apenas prova que você não é uma caçadora de fortunas", ele disse com um aceno de cabeça ao levantar as rédeas e cutucar o cavalo de uma maneira que mostrava a destreza e confiança criada por viver praticamente sobre uma sela. "Diga à dona que estarei em casa para o jantar".

Elise protegeu os olhos do sol forte do fim da manhã, observando o seu rude, mas gentil anfitrião se afastar para encontrar os outros cavaleiros que esperavam perto da entrada do rancho. O intenso sol e calor do Texas era algo que ela tinha certeza que não sentiria falta. Jake disse a ela que era uma

compensação. O calor do Texas pelos invernos de Boston. Nesse ponto, Elise não tinha certeza do que era pior.

"Então, ele se foi?", perguntou Nellie se aproximando de Elise.

"Acabou de ir", Elise respondeu com um suspiro.

"Não se preocupe", assegurou Nellie. "O meu Jake é um velho urubu durão. Serão necessários mais do que alguns índios renegados para colocá-lo em seu túmulo".

"Não estou acostumada com isso", Elise reclamou.

"Você está aqui há meio ano, garota", lembrou Nellie. "Seria bom para você se tornar um pouco mais dura".

"Eu tenho o dinheiro para voltar para casa", disse Elise com satisfação.

"Isso é uma coisa boa", disse Nellie com um sorriso. "Eu vou sentir sua falta".

"Não tenho certeza do que fazer", confessou Elise.

"Sobre o que você está falando?", disse Nellie surpresa. "Você vai para a cidade comprar a passagem de volta para casa. Isso é o que você vai fazer."

"E se eu não for bem recebida?" Elise perguntou apreensiva.

"Eu não consigo imaginar um pai não deixando sua menininha voltar para casa. Não importa o que ela tenha feito", disse Nellie.

"Jake disse o mesmo", disse Elise.

"Nós somos muito parecidos", riu Nellie. "Vem com a longa convivência".

"Há quanto tempo vocês estão casados?" Elise perguntou.

"Quase vinte anos", respondeu Nellie saudosa. "Apenas Jake e eu por quase vinte anos".

"Sinto muito por você não ter tido os filhos que queria", Elise disse com afeição genuína.

"Não precisa sentir", disse Nellie voltando-se para a casa. "Eu fervei um pouco de água para o chá. Agora que você está se preparando para partir, finalmente estou me acostumando a beber isso. Irônico."

"Não vou partir imediatamente", Elise se apressou em alcançar a amiga de aparência envelhecida. "Quero enviar uma mensagem para meu pai para me certificar de que sou bem-vinda de volta antes de comprar a passagem."

"Isso é algo que eu nunca vou entender", disse Nellie balançando a cabeça lentamente.

"Não é tanto por meu pai, é mais pela sociedade em que vivemos", explicou Elise. "Ele me arranhou casamento dentro da família mais rica de Boston. Foi uma grande vantagem para a nossa família. Estamos entre os mais ricos de Boston. Em circunstâncias normais, seria difícil encontrar alguém para comparar com nossa posição social sem ter que sair de Boston; talvez até na Europa. Para aumentar a desvantagem, a guerra foi implacável e não se importou se o soldado era da alta sociedade ou de origem humilde. A escolha de homens elegíveis de qualquer classe social ficou severamente baixa. Meu pai odeia percorrer longas distâncias. Ele pensou que unir-me a Judd fosse a solução perfeita".

"Mas você pensou diferente", Nellie disse em um tom surpreendentemente suave.

"Oh Nellie, ainda sinto nojo quando me lembro daquele terrível beijo que ele me roubou em nosso jardim. Sempre me faz querer correr para o riacho e me lavar. Não consigo imaginar ele fazendo algo mais", disse Elise com angústia enquanto se sentava na pequena mesa de madeira no centro da grande sala que servia tanto como cozinha como sala de estar.

"Você pelo menos sabe o que esse 'algo mais' seria?" Nellie perguntou com uma risada ao despejar água quente da chaleira nas folhas de chá que

colocara no bule que costumava usar para preparar café. "Afinal, você só tem um casamento no papel".

"Tais coisas não são comentadas", Elise ofegou.

Nellie jogou a cabeça para trás e emitiu uma risada animada e seus olhos envelhecidos se iluminaram divertidos.

"Esta não é uma sociedade educada, senhorita", disse ela jovialmente.

"Você ficaria surpresa com o que se comenta por esses lados".

"Eu - eu imagino." Elise gaguejou.

"Sua mãe nunca falou com você sobre isso?" perguntou Nellie com genuína curiosidade.

"Isso é algo que fazemos na véspera de nosso casamento", disse Elise.

"Como você se casou às escondidas por procuração e depois se afastou da cidade, você nunca teve 'a conversa'", continuou Nellie.

"Eu não preciso disso agora", disse Elise envergonhada. "Eu estou bem assim".

"Eu acho que não", disse Nellie divertida, "mas se você precisar estou aqui para ajudar".

"Isso é muito gentil, Nellie. Realmente é, mas acho que devemos mudar de assunto agora" disse Elise com uma voz que mostrava seu desconforto.

"Você planeja voltar para seu rancho para colher o resto daqueles vegetais?" perguntou Nellie deslizando uma xícara de chá na frente de Elise.

Grata pelo término de um assunto que a deixava extremamente desconfortável, Elise assentiu. Ela levantou-se para ajudar Nellie com o bule de chá improvisado, segurou um pequeno pedaço de tecido de algodão sobre o bico para barrar as folhas de chá soltas e derramou o líquido aromático em suas xícaras.

Quando as mãos enrugadas de Nellie levaram a delicada xícara aos lábios, Elise percebeu um lascado em sua borda. Ela suspirou. Nellie e Jake

nasceram e cresceram no território de Wichita Falls, no Texas. Eles não sabiam nada da riqueza e dos privilégios que Elise crescera dando por certo, exceto pelo pouco que ela havia contado. Como Elise desejava que eles tivessem a oportunidade de experimentar, pelo mesmo um pouco. Ela fez uma nota mental para enviar um novo conjunto de porcelana chinesa para eles uma vez que estivesse em casa e instalada. Ela também enviaria algum mobiliário decente. Só porque viviam em uma pequena casa de dois quartos com um sótão, não significava que não podiam mobiliá-la com peças de qualidade. Ela sorriu ao pensar na reação deles ao receber tais requintes.

"Pegue a carroça quando você for", disse Nellie.

"Eu não consigo conduzi-la bem", admitiu Elise.

"Vai facilitar o transporte dos vegetais. Notei uma abóbora de bom tamanho na última vez que estive lá", disse Nellie.

"Quando você foi lá?" Elise perguntou.

"Tornou-se um hábito", disse Nellie dando de ombros enquanto tomava um gole de chá. "Você precisará consertar essas suas mãos antes de retornar à sociedade."